

Teatro
de 8 a 16 Janeiro 2011

Personal Trilogy

Trilogia Pessoal

Três espectáculos um-para-um
de Ontroerend Goed

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Internal Interno

Teatro Sáb 8, Dom 9 de Janeiro
Palco do Pequeno Auditório
17h00-20h00 · 22h00-01h00
Entrada de pequenos grupos de 30 em
30 minutos · Duração: 30 minutos · M16

Com Alexander Devriendt, Sophie De Somere, Joeri Smet, Aurélie Lannoy, Maria Dafneros e Charlotte Debruyne
Em colaboração com KC België (Hasselt), Vooruit (Gent) e Inkonst (Malmö) **Apoio** Governo Flamengo e província do Leste da Flandres **Em associação com** Richard Jordan Productions Ltd. **Estreia** 14 de Setembro de 2007 em Hasselt, Bélgica

Caro espectador,
Somos cinco *performers* à procura de um parceiro. Gostaríamos de convidá-lo para a próxima representação de *Internal*, o nosso recreio individual, onde pode ficar a conhecer-nos num ambiente acolhedor e espontâneo. Asseguramos um tratamento íntimo e altamente personalizado. Por favor, avise-nos atempadamente se for incapaz de controlar os seus sentimentos. Providenciaremos uma solução elegante e discreta.
Atenciosamente,
Os Actores

De Sáb 8 a Dom 16 de Janeiro
Espectáculos em inglês, sem legendas



The Smile Off Your Face

Arrancar-te o Sorriso

Teatro Ter 11, Qua 12, Qui 13 de Janeiro
Palco do Grande Auditório
20h00–24h00 · **Entrada de pequenos grupos de 30 em 30 minutos**
Duração: 30 minutos · M16

Encenação Sophie De Somere e Joeri Smet
Com Alexander Devriendt, Sophie De Somere, Joeri Smet, Aurélie Lannoy, Maria Dafneros, Charlotte Debruyne e Kwint Manshoven **Música** Sebastian Omerson **Apoio** Cidade de Gent e província do Leste da Flandres **Em associação com** Richard Jordan Productions Ltd.
Estreia 6 de Setembro de 2003 em Gent, Bélgica

Bem-vindo ao palco escuro de *The Smile Off Your Face*, um espectáculo que oferece uma experiência visual completamente diferente.

Na verdade, não é sobre ver. Vai estar vendado, vai estar numa cadeira de rodas, atado. É sobre experimentar. Não há palco. Não há público, nenhum lugar definido pelas luzes onde os actores representam. Com efeito, não sabe onde está.

Suspeita de alguma coisa. Imagina alguma coisa. Tudo acontece apenas na sua cabeça, e no entanto não. Está num quarto escuro. Há outras pessoas. Querem algo de si. Ou não. Às vezes está sozinho. Nós sabemos disso. Tomamos conta de si.



A Game of You

Jogar a ti

Teatro Sáb 15, Dom 16 de Janeiro
Palco do Grande Auditório
17h00–20h00 · 22h00–01h00
Entrada de pequenos grupos de 30 em 30 minutos · Duração: 30 minutos · M16

Criado por Alexander Devriendt, Joeri Smet, Sophie De Somere, Nicolaas Leten, Maria Dafneros, Charlotte De Bruyne, Aurélie Lannoy, Kristof Coenen e Eden Falk **Com** Alexander Devriendt, Sophie De Somere, Joeri Smet, Aurélie Lannoy, Maria Dafneros e Charlotte Debruyne **Produção** Ontroerend Goed **com** Battersea Arts Centre e Richard Jordan Productions Ltd. **Apoio** National Theatre Studio **Estreia** 29 de Janeiro de 2010 em Hasselt, Bélgica

Neste espectáculo, que encerra a trilogia de teatro imersivo da companhia, sete desconhecidos estão ansiosos por passar algum tempo convosco, o público. Mexer convosco. Ficar a conhecer-vos melhor do que se conhecem a eles próprios. Há quem diga que são atrevidos, inquisitivos, manipuladores ou mesmo malvados. Há quem defenda que não se pode confiar neles. Fiquem descansados, não é verdade. Estes desconhecidos são jogadores com intenções sinceras cujo único objectivo é deixá-lo descobrir quem é. Deixe-se emaranhar no jogo e saberá que o fazem por si.

Espelho meu, espelho meu

Há sete anos, fomos vendados e entregues à nossa imaginação (*The Smile Off Your Face*), há três anos as nossas vidas emocionais estavam em jogo numa conversa de grupo (*Internal*), desta vez olhamos de relance para o espelho. Com o espectáculo interactivo *A Game of You*, o grupo de teatro de Gent Ontroerend Goed conclui de forma convincente a sua trilogia sobre o autoconhecimento.

O conhecimento de si é a fonte de toda a sabedoria, diz o ditado, o que definitivamente se aplica a Ontroerend Goed. O grupo de teatro de Gent que vai celebrar no próximo ano [em 2011] os seus dez anos de existência começou como um colectivo de poesia com *performances* ao vivo. Sob o nome “Ontroerend Goed” [tradução possível: “Emobiliário”] organizaram anárquicas festas artísticas, frequentadas pela cena teatral nascente. Com a *trilogia-Porror*, uma trilogia de *sketches* cabaretísticos incluindo pornografia, humor e poesia, Ontroerend Goed ganhou reconhecimento e recebeu um prémio de novos talentos no festival Theater aan Zee. Ainda que com muita discussão preliminar, porque o júri nessa altura estava particularmente dividido. Poderia chamar-se teatro ao que este bando desregrado produzia?

Altos e baixos

Desde então, Ontroerend Goed foi extremamente prolífico e muitos espectáculos viram a luz do dia. Com altos elevados e baixos profundos, é preciso dizer-se. Estes baixos ocorreram quando

Ontroerend Goed tentou “fazer teatro”. Mas por esta altura já perceberam que as suas forças residem antes em espectáculos mais performativos e alcançaram altos cumes. E estamos mesmo a falar de cumes, não de colinas flamengas.

Once and for all... [na Culturgest em 2009], um espectáculo criado por Alexander Devriendt (encenador e director artístico de Ontroerend Goed) em colaboração com jovens das oficinas de teatro da companhia de teatro juvenil de Gent Kopergieterij, viajou pelo mundo nos últimos dois anos, do Canadá à Nova Zelândia, de Nova Iorque a Sydney. Quando a estrela de Hollywood Cate Blanchett, também directora artística da Sydney Theatre Company, viu o espectáculo, ficou tão impressionada que imediatamente convidou Ontroerend Goed para criar um novo espectáculo (com estreia em 2012).

Trilogia do autoconhecimento

Mas houve criações anteriores de Ontroerend Goed que também marcaram pontos no mercado (inter) nacional. Tanto *The Smile Off Your Face* como *Internal* receberam Fringe First Awards no festival de Edimburgo. Os dois espectáculos fazem parte de uma trilogia na qual o espectador é também o protagonista do acontecimento teatral. Um triplicado que pode ser experimentado como uma trilogia do autoconhecimento.

The Smile Off Your Face era sobre a entrega total de si ao outro: éramos levados num percurso de cadeira de rodas, vendados, falávamos com pessoas, antecipávamos sensações com todos os sentidos. Em *Internal*, o embate era frontal: depois de uma conversa

íntima com um actor, os nossos segredos eram escancarados numa sessão de grupo com os outros espectadores. Não, Ontroerend Goed não facilita a vida aos espectadores e certamente não aos críticos. Como é que se fala daquilo que se preferia guardar para si? Sem estragar a surpresa. Porque o que se experimenta é tão próximo.

Quem é que vês no espelho?

A Game of You também é um espectáculo interactivo e altamente pessoal. Desta vez assume a forma de um palácio de espelhos: não uma atracção de feira, mas uma forma inusitadamente intensa de auto-reflexão. Quanto daquilo que pensamos e dizemos sobre outras pessoas revela de nós? E vice-versa: o que pensam os outros quando nos vêem? Qual o significado das primeiras impressões? Com que facilidade e sinceridade funciona a nossa vontade de estabelecer contacto?

Tal como *The Smile Off Your Face* e *Internal*, o espectáculo já começou antes mesmo de ter propriamente início. Durante uns minutos, no escuro, somos abandonados ao nosso destino, entregues a nós próprios. No momento seguinte, alguém nos conduz a uma cadeira num cubículo. Há um grande espelho, há uma mesa com um bloco de notas, alguns bonecos playmobil, uma garrafa de água com um copo. Depois entra outra pessoa: um actor? Ou outro “espectador”?

Revelar mais do que acontece seria pena, mas digamos que, ao longo de uma viagem por vários cubículos, tornamo-nos o nosso próprio avatar numa espécie de jogo de computa-

ção teatral onde o mais secreto dos compartimentos – o espaço entre a nossa imagem externa no espelho e a nossa auto-imagem interior – funciona como área de representação. Transforma *A Game of You* num jogo de reflexão e ser reflectido.

Só se percebe quão engenhosa é a construção do espectáculo quando, no final, se torna claro que este espectáculo é de facto exclusivamente feito por nós enquanto público participante. Estamos face a face com o que há de único mas também fisicamente substituível em cada um de nós.

Já agora, este engenho estende-se a toda a trilogia do autoconhecimento. Se se fizesse uma análise dramaturgicamente três espectáculos, veríamos a mesma composição e pesquisa relacional. Primeiro somos entregues a nós mesmos no escuro, depois há o tímido primeiro encontro com o outro, a confiança que se constrói entre os dois, que depois é testada e traída quando nos apercebemos de que somos uma peça num astuto mecanismo com Ontroerend Goed enquanto Big Brother ao volante.

E se recebíamos um saquinho de doces de São Nicolau em *The Smile* e uma carta no correio em *Internal*, a prenda desta vez consiste no nosso CD pessoal intitulado “Sobre ti”.

Se o conhecimento de si é a fonte de toda a sabedoria, então de qualquer modo esta trilogia aproxima-nos um pouco dessa fonte. E não estamos contentes por Ontroerend Goed não produzir “teatro convencional”?

Liv Laveyne
Knack

Uma trilogia turbulenta

Internal

(...) *Internal* nunca nos deixa esquecer que é um espectáculo e, portanto, de alguma forma pré-concebido. Sentamo-nos e esperamos no exterior com outras quatro pessoas, pensando nervosamente no que vamos experimentar. Vemos cinco figuras abaladas, sorridentes e entusiasmadas a sair do espaço quando estamos prestes a entrar. Somos levados para dentro e é-nos dada uma única instrução: “Ficar de pé sobre a cruz branca.” Passamos por um camarim com cinco mesas. Vemos paredes cobertas de cartas, um sinal da sua própria história. A cortina sobe e sabemos que os dez pés e cinco caras que aparecem pertencem aos actores – quanto mais não seja porque a divulgação do espectáculo nos diz isso mesmo. Sabemos que eles sabem mais do que nós. Sabemos que estamos num tapete rolante. Sabemos que, por mais que se pareça com ela e transmita essa sensação, não estamos na realidade quotidiana. Sabemos que eles é que comandam. Sabemos que as regras podem não ser as mesmas no interior e no exterior.

[*Internal*] depende do nosso estatuto como espectadores, e não apenas como pessoas. *Internal* nunca funcionaria se não estivesse identificado como um acontecimento teatral. Não conseguiria extrair a informação e as acções de que precisa de modo a que o segundo acto funcione. Enquanto espectadores estamos sempre activos; às vezes mais do que noutras, mas temos sempre um papel a desempenhar. Mesmo o teatro mais convencional depende da nossa

colaboração, de nos “deixarmos levar”. Assim também *Internal*, mas, e aqui é que está a surpresa, nunca chama a atenção para esta mudança no nosso comportamento. Não nos avisa de que vamos estar mais predispostos para aceitar os seus encantos do que estaríamos se não fosse enquadrado como teatro.

6 de Setembro de 2009

The Smile Off Your Face

(...) Sentados em cadeiras de rodas, os participantes são vendados e as suas mãos atadas, antes de serem empurrados para uma sala. Nenhum pré-aviso será suficiente para nos preparar inteiramente para o nível de vulnerabilidade experimentado. Assim pacificados, tornamo-nos totalmente dependentes da condução de outros.

(...) O seu engenho é o de jogar com a nossa submissão, embalando-nos até nos sentirmos em segurança – o mesmo formigueiro de uma massagem ao couro cabeludo antes de um corte de cabelo, por vezes com uma carga levemente erótica – antes de nos abandonar momentaneamente. Com uma mão alimenta, com a outra obriga; presenteia e retém; nunca passa (demasiado) das marcas.

O interessante é que, como em *Internal*, contém um eco directo de pros tituição. (...) percebemos que também pagámos por esta experiência. Não podia deixar de pensar na argumentação de Nicholas Ridout sobre a transacção que está no centro do teatro (e da arte em geral) (...).

Será que [todo o movimento de teatro um-para-um] depende do embaraço

desajeitado entre trabalhador e consumidor? Quem controla? Quem faz a vontade a quem? Porque é que tantas vezes nos sentimos agradecidos? Porque é que tantas vezes temos a sensação de dádiva?

11 de Julho de 2010

A Game of You

(...) Explicar completamente a mecânica, como com toda a trilogia de Ontroerend Goed, seria quebrar o espectáculo, mas mais uma vez a companhia revela lentamente a sua mão. O que se pensava ser uma coisa acaba por se provar ser outra, até que se dá a volta inteira e se sai com o quadro completo. É seguro dizer que se trata de uma viagem incrivelmente construída de tão inteligente, com cada segmento a encaixar magnificamente no sítio, elucidando o que o antecedeu e ao mesmo tempo preparando o que vem a seguir. A dramaturgia é extraordinária.

Enquanto peça, desconstrói-nos para nos voltar a montar. Aquilo que damos é aquilo que nos é devolvido. Nisso não há subversão nem manipulação do material. É um facto que isso faz com que seja uma experiência mais suave e em surdina do que *Internal* e *The Smile Off Your Face*. A recompensa, no entanto, é a honestidade sem maquilhagem do reflexo. *A Game of You* consegue ser reflexivo sem nos encurralar numa situação extrema que nos força a reflectir.

Mas não é, suspeito, um espectáculo concebido em primeiro lugar para iluminar o eu. Serve antes para negar exactamente essa necessidade. É verdade que mostra que nos revelamos através do nosso comportamento, tanto consciente como inconsciente,

mas também mostra que essa fuga de informação é ilegível, pelo menos num sentido objectivo. Ao pedir-nos quer para julgar quer para sermos julgados, é a própria ideia de juízo que é posta sob o microscópio, o que se prova ser, tal como o título sugere, um exercício de projecção subjectiva.

Sábio e espirituoso, *A Game of You* fornece uma conclusão calma e medida a uma trilogia turbulenta.

21 de Julho de 2010

Matt Trueman

Carousel of Fantasies

carouseloffantasies.blogspot.com

A Companhia

Ontroerend Goed é uma companhia de teatro e *performance* que cria espetáculos íntimos e individuais assim como peças de teatro para apresentar em espaços convencionais. Prosseguindo estas duas vias, toma a liberdade de explorar os limites e os códigos das artes cénicas e de abrir o teatro às expectativas e gostos variados de um público grande e diversificado. “Ontroerend Goed” é um jogo de palavras entre a expressão “onroerend goed”, que quer dizer “imobiliário”, e “ontroerend”, que significa “comovente”.

The Smile Off Your Face já foi apresentado em Gent, Antuérpia, Bruxelas, Delft, Amesterdão, Utrecht, Groningen, Malmö, Marraquexe, Edimburgo (Fringe First e Total Theatre Award), Londres, Erlangen e Adelaide (Fringe Award). *Internal* foi o espetáculo-sensação de Edimburgo em 2009 (Fringe First e Herald Angel). *A Game of You*, que encerra esta trilogia de teatro íntimo, teve ótima recepção crítica na Bélgica e foi a peça central do festival de teatro um-para-um realizado no Battersea Arts Centre em Londres em 2010.

Once and for all we're gonna tell you who we are so shut up and listen, espetáculo com adolescentes, ganhou um Fringe First, um Herald Angel e um Total Theatre Award em Edimburgo. Quando passou pela Culturgest em 2009 foi considerado espetáculo do ano pela *Time Out*. A companhia fez já um novo espetáculo com adolescentes, *Teenage Riot*, e prepara agora a criação *Audience*.

www.ontroerendgoed.be

Próximo espetáculo

Sergei Loznitsa

Cinema de Qui 13 a Dom 16 Janeiro
Pequeno Auditório



Programação

Zero em Comportamento,
Associação Cultural

Todos os filmes serão apresentados em versão original, com legendas em inglês e português

Quinta-feira 13

21h30

My Joy

Alemanha/Ucrânia/Holanda,
2010, 127', 35mm

Sexta-feira 14

18h30

Today We Are Going to Build a House

Realização de Sergei Loznitsa e Marat Magambetov, Rússia, 1996, 28', 35mm
Life, Autumn

Realização de Sergei Loznitsa e Marat Magambetov, Rússia, 1998, 34', 35mm

The Train Stop

Rússia, 2000, 25', 35mm

21h30

Settlement

Rússia, 2001, 80', 35mm

Sábado 15

16h00

Portrait

Rússia, 2002, 28', 35mm

Landscape

Rússia/Alemanha, 2003, 60', 35mm

18h30

Factory

Rússia, 2004, 30', 35mm

Blockade

Rússia, 2005, 52', 35mm

21h30

Artel

Rússia, 2006, 30', Digibeta

Northern Light

França, 2008, 52', Digibeta

Domingo 16

18h30

Revue

Alemanha/Rússia, 2008, 83', 35mm

Os portadores de bilhete para o espetáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
